

# E o hip hop caiu no jazz

Trio Sambadrive revisita obra de Marcelo D2 com sonoridade que remete ao samba jazz dos anos 1960 e 70

Por Affonso Nunes

O SambaDrive desembarca oficialmente no Brasil nesta quinta-feira (23), no Manouche. O trio formado por Mauro Berman, Lourenço Monteiro e Pablo Lapidusas se inspira nos lendários grupos instrumentais brasileiros das décadas de 1960 e 70 para criar uma sonoridade que equilibra tradição e modernidade, com a participação especial

de Marcelo D2, parceiro constante do grupo.

A formação nasceu de maneira orgânica, durante passagens de som dos shows de D2, com quem os músicos colaboram frequentemente. Foi nesse ambiente de ensaios e afinidades que surgiu a ideia de revisitar parte da obra do rapper em formato instrumental, imprimindo a identidade própria do trio. O projeto “Marcelo D2 & SambaDrive” estreou internacionalmente e passou por cidades



Marcelo D2 e os músicos do trio Sambadrive abrem o projeto com shows no exterior

como Londres, Paris, Amsterdam, Nova Iorque, Berlim, Miami, Montevideu, Lisboa, Boston e Buenos Aires antes de chegar ao público brasileiro.

O álbum homônimo, lançado em outubro de 2024 pelo selo inglês NightDreamer UK, foi gravado no lendário estúdio Artone, na Holanda, utilizando o processo analógico direct-to-disc — técnica que dispensa mixagens, edições ou pós-produção.

Em 2025, o trabalho recebeu

indicação ao Prêmio da Música Brasileira, e o trio iniciou turnê europeia com apresentações em Londres e no festival Worldwide Sète, na França, a convite do DJ e curador britânico Gilles Peterson. O show no Rio marca a estreia oficial no país e já traz novidades que apontam para o próximo disco.

**SERVIÇO**  
**SAMBADRIVE & MARCELO D2**  
Manouche  
(Rua Jardim Botânico, 983)  
23/10, às 21h  
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50  
(meia solidária com 1kg de alimento não perecível ou livro para doação)

## CRÍTICA / DISCO / JAZZ DIXIELAND COM SOTAQUE TUPINIQUIM

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos do álbum “Jazz Dixieland com Sotaque Tupiniquim”, da Banda Cucamonga, um sexteto instrumental e vocal que buscou nas ruas o mote para sacudir quem os ouve. Sem rebuscamentos harmônicos ou melódicos, mas com talento de sobra e tocando com garra contagiante, a banda cria o que a intuição lhes aponta. O resultado é pura empatia. Escutá-los é ter no rosto um sorriso que nada tirará, pois estará ali como que gravado para sempre.

Autores das dez faixas e das faixas bônus do álbum, a Cucamonga percorre um cortejo musical fantástico e estético pelas ruas imaginárias de um French Quarter, entrando pelos becos de comunidades ribeirinhas brasileiras, seguindo em meio a ruas de terra batida do sertão nordestino, dando a volta em torno

de praças arborizadas cariocas e por avenidas com arranha-céus espetados nas calçadas paulistanas.

Trazendo um arranjo entusiasmante, a abertura do CD com “Corjaas” é um fervor! A letra de João Gomes de Sá, cantada e tocada a pleno pulmões pelos músicos, convoca o povo à festança da banda: “Pindorama, Kariri/ Tupiniquim, Pankaruru/ Guarani, Caboclinhos/ (...) Com licença/ sou o Jazz Tupiniquim/ na sua aldeia/ Salve, salve a Dona da Casa/ Essa Luz que me alumeia/ Terra à vista, chegada/ Viva a Nau Catarineta”. A sonoridade da Cucamonga tem o sabor da felicidade de quando se recebe uma notícia boa ou um beijo



apaixonado.

Resta ir atrás e se divertir com sua pegada circense. Plena de soluções musicais ricas e inusitadas, onde não faltam dixieland, maracatu, frevo, bumba-meu-boi, reizado, ciranda, xote, baião e martelo agalopado, a formação instrumen-

tal é o há que de melhor para ser apreciada por ouvidos ávidos por novidades.

Pleno de improvisos e arranjos fecundos, o repertório vem pelos instrumentistas Mesaac Brito (trompete), Marcos Lúcio (clarinete), Fernando Thomé (banjo), José Renato (tuba e souzafone) e Ricardo Reis (washboard – a clássica tábua de lavar que virou percussão), mais as vozes da Banda Cucamonga.

Ao ouvi-los, transvejam (apud Manoel de Barros) a profundidade do curso musical que açula as ruas e as criações rítmicas e culturais do Brasil. Depois da audição, confessem se lhes deu vontade de segui-lo

rumo à fantasia de que a música há de nos redimir e mudar a vida de toda a gente.

Mas, se não for exatamente assim, que pelo menos a música contribua para fazer do mundo um bom lugar para criar os filhos e torná-los cidadãos. Tudo para que, dentro do possível, tenhamos confiança que a música que temos em nós se tornará companheira de sonhos (im)possíveis. Ouça o álbum em <https://acesse.one/CNpK4>.

### Ficha técnica

Gravação, mixagem e masterização: Adonias Souza Jr.; produção musical, composição, arranjos e direção artística: Banda Cucamonga; coordenação de produção e letras: João Gomes de Sá e Banda Cucamonga; design da capa: Raro de Oliveira; fotografia: José de Holanda.

\*Vocalista do MPB4 e escritor